

## **CRIAÇÃO DO JORNAL DA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM GÊNEROS TEXTUAIS<sup>1</sup>**

### *WRITING OF A CLASS NEWSPAPER: A PROPOSAL FOR WORKING WITH TEXT GENRE*

**Olívia Martins de Quadros Olmos<sup>2</sup> e Valeria Iensen Bortoluzzi<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

*Neste artigo, o propósito é apresentar o estudo dos gêneros textuais que ocorrem no ambiente discursivo jornalístico escrito, que embasaram a produção de um jornal da sala de aula. Esse propósito se desdobra em outros mais específicos como: incentivar os alunos à leitura e à produção de textos; proporcionar aos alunos o contato com diferentes gêneros textuais, no caso do presente trabalho, os gêneros do domínio discursivo jornalístico. O trabalho foi realizado no Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, com 30 alunos da sétima série, turma 75. Os textos produzidos pelos alunos foram a respeito de fatos que ocorreram na cidade de Santa Maria, no país e no mundo. Como resultado do trabalho de leitura e produção de textos jornalísticos, os alunos produziram um jornal que foi distribuído gratuitamente, inclusive com gêneros não trabalhados.*

**Palavras-chave:** texto, discurso, gêneros textuais, domínio discursivo jornalístico.

#### **ABSTRACT**

*In this article, the purpose is to present the study of text genre that occur in the discursive journalistic written environment. This formed that basis for the production of a class newspaper. This proposal becomes some other more specific ones like: supporting students to the reading and production of texts; allowing the students to have a contact with different test genre, in the case of this paper, discursive journalistic genres. The work was done in the Olavo Bilac State Educational Institute, with 30 students in the seventh grade. The texts produced by the students concerned the facts that occurred in the city of Santa Maria, in Brazil and in the world. As a result of the reading and production of journalistic texts,*

---

1 Trabalho Final de Graduação - TFG.

2 Acadêmica do Curso de Letras - UNIFRA.

3 Orientadora - UNIFRA.

*the students produced a newspaper that was distributed for free, even with genres not worked on.*

**Keywords:** *text, discourse, text genres, journalistic discursive domain.*

## INTRODUÇÃO

O objetivo central, nesta pesquisa, foi levar o aluno a trabalhar com diferentes gêneros textuais para obter como resultado a criação de um jornal da sala de aula. Esse propósito se desdobrou em outros mais específicos como: incentivar os alunos à leitura e à produção de textos; levar para a sala de aula os gêneros do domínio discursivo-jornalístico: artigo de opinião, charge, editorial, crônica, notícia, reportagem.

O presente artigo está estruturado em quatro partes, além da introdução, sendo elas, a revisão da literatura, em que são discutidos os preceitos teóricos que embasaram este trabalho; a metodologia utilizada, na qual se expõem todos os passos da realização do trabalho; a discussão dos resultados obtidos; e a conclusão do estudo.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, descrevemos os preceitos teóricos que embasaram este trabalho. Para tanto, a seção está dividida em duas partes: 1) noções de texto e gênero textual/discursivo; 2) domínio discursivo jornalístico.

### NOÇÕES DE TEXTO E GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO

Como o objetivo nesta pesquisa é trabalhar com gêneros textuais escritos, notadamente os gêneros que ocorrem no ambiente discursivo jornalístico escrito, a fim de coletar subsídios teóricos para embasar a produção de um jornal da sala de aula, é importante conhecermos alguns conceitos, como texto, discurso, domínio discursivo para o estudo dos gêneros.

Os textos, em suas mais variadas formas, fazem parte do nosso dia-a-dia. Eles são os portadores do conhecimento e da cultura. Assim, são responsáveis por transmitirem esses conhecimentos através dos tempos.

Texto é definido por Koch (2002, p. 17) como:

próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que - dialogicamente - nele se constroem e são construídos. Desta forma há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.

Marcuschi (2003, p. 24) define texto como uma “entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual”. Já Meurer e Motta-Roth(2002, p. 24) acreditam que os textos refletem, constituem e podem desafiar e transformar tipos de relações entre indivíduos. Segundo os mesmos autores, “o texto é a realização lingüística na qual se manifesta o discurso”.

Segundo Marcuschi (2003, p. 24), é importante ter o cuidado de não confundir texto e discurso como se fossem a mesma coisa. Para ele, discurso é o que “um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva”. O discurso se realiza nos textos. Podemos entender discurso como a relação com o lugar que o sujeito ocupa na sociedade. Nesse sentido, os discursos serão diferentes em diferentes domínios discursivos.

Domínio discursivo é, na concepção de Marcuschi (2003, p. 23), uma expressão utilizada para designar uma instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Os domínios discursivos são as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam. Esses domínios organizam os diferentes gêneros textuais.

Para Marcuschi (2003, p. 22), a expressão gênero textual é utilizada como uma “noção propositalmente vaga” para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária. Conforme esse autor, nos últimos dois séculos, as novas tecnologias propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais. Os grandes suportes tecnológicos da comunicação, como o rádio, a televisão, o jornal, a internet, propiciam e abrigam novos gêneros bastante característicos. Daí resultam formas discursivas novas: editoriais, notícias, telefonemas, e-mails, etc.. Esses novos gêneros não são inovações absolutas, têm uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin (1992), pesquisador russo, que, no início do século XX, dedicou-se aos estudos da linguagem e da literatura. Esse teórico tratava da “transmutação” dos gêneros e da assimilação de um gênero por outro, gerando outros.

Na visão de Bakhtin (1992), os gêneros apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Podemos citar o exemplo do gênero editorial, que tem como conteúdos temas polêmicos da atualidade. A função desse gênero é expressar a opinião moderada dos editores do jornal acerca de um tema da atualidade e de interesse social. Seu modo de organização envolve uma situação, um problema, uma avaliação e, na maioria das vezes, a (s) solução (ões).

Na teoria bakhtiniana, os gêneros do discurso correspondem a situações de interações típicas da comunicação discursiva de um

determinado campo social que, por sua vez, possui funções determinadas, como jornalística, científica, cotidiana, etc.. Essas funções, com condições determinadas, próprias de cada setor da comunicação discursiva, geram os gêneros do discurso particular. “Qualquer enunciado considerado isoladamente é individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” – isso é o que Bakhtin (1992, p. 279) denomina gêneros do discurso.

Para finalizar esta seção, convém trazer o conceito elaborado por Meurer (2002, p. 18) que considera gênero textual como um “tipo específico de texto de qualquer natureza, literário ou não, oral ou escrito, caracterizado e reconhecido por função específica e organização retórica mais ou menos típica, e pelo(s) contexto(s) onde é utilizado”. A organização retórica pode ser entendida como o aspecto formal do texto, organizado com elementos da narração, descrição, exposição, argumentação, injunção. No contexto escolar, esses são os chamados “tipos de texto”.

## DOMÍNIO DISCURSIVO JORNALÍSTICO

O jornalismo, basicamente, trata com a informação. Ghilardi (1994, p. 7) afirma que o discurso jornalístico, por sua natureza, deve atribuir especial atenção aos critérios de textualidades que são entendidos como o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto. Conforme a mesma autora, um dos fatores responsáveis pela textualidade é a informatividade, entendida como a capacidade do texto de acrescentar ao conhecimento do receptor informações novas e, talvez, inesperadas. A informatividade é, então, a capacidade que um texto apresenta de, efetivamente, informar o seu leitor. Para Ghilardi (1994, p. 8), o critério de informatividade, no discurso jornalístico, é essencial, pois o primeiro objetivo da notícia é informar ao seu leitor de forma clara e objetiva, para que esse tenha plena consciência da realidade que o cerca.

A simplicidade é outra condição essencial do discurso jornalístico. O jornalista escreve para todos os tipos de leitores e todos, sem exceção, têm o direito de entender qualquer texto, seja ele do domínio político, econômico, etc.. Ghilardi (1994, p. 11) considera que “o discurso jornalístico é diferente dos outros discursos na maneira como apresenta informações novas e conhecidas e por levar em consideração leitores assíduos e eventuais”. Sua semelhança com outros discursos se dá ao misturar informações previsíveis, numa dosagem aceitável, pelo sujeito destinatário. Esse tipo de discurso deve levar em conta o perfil do leitor para estabelecer a carga de informação adequada.

Podemos perceber, a partir das considerações de Ghilardi (1994), que o discurso jornalístico é aquele que os profissionais da área do jornalismo e os formadores de opinião, que atuam na mídia como representantes de segmentos da sociedade, fazem no dia a dia, com a intenção de informar ao leitor de forma rápida, clara e objetiva.

Em vista dos objetivos deste artigo, estudamos as principais especificidades dos gêneros do domínio jornalístico: o editorial, o artigo de opinião, a entrevista, a charge, a reportagem, a notícia e a crônica. A seguir, são apresentadas as definições dadas a esses gêneros por Baltar (2004) e Faria e Zanchetta (2002) cujos enfoques estão voltados para a utilização desses gêneros para o ensino de leitura e produção de textos. Esses autores propõem atividades de leitura e produção textual com base nos gêneros citados.

O editorial, segundo Baltar (2004, p. 129), é um “gênero textual em que está presente a opinião do jornal sobre um fato do dia, considerado como o mais importante”. O referido autor também considera que o predominante, nesse gênero, é o discurso teórico da ordem do expor, com seqüências explicativas e argumentativas ou esquematização. Para Faria e Zanchetta (2002, p. 60), o editorial é um texto informativo e, ao mesmo tempo, opinativo que apresenta definição exata e precisa do tema. É possível dizer que esses autores consideram o editorial como um gênero de texto que marca a posição do jornal sobre um determinado fato. Esse gênero não é assinado.

Já o artigo de opinião, para Baltar (2004, p. 131), é um gênero opinativo que difere do editorial, por trazer a opinião de um autor e não representar, necessariamente, a opinião do jornal. É sempre assinado e pode ser escrito na primeira pessoa. Faria e Zanchetta (2002, p. 63), para definirem artigo, comparam este gênero com o editorial. Afirmam que o artigo é um “texto jornalístico interpretativo e opinativo que desenvolve uma idéia ou comenta um assunto a partir de determinada fundamentação”. Também observam que o artigo “é assinado, tem linguagem mais livre e, portanto, cada jornalista imprime nele o seu estilo”. Esse gênero pode ser comparado com o gênero editorial, pois os dois são registros de opiniões.

Quanto à entrevista, segundo Baltar (2004, p. 135), é o gênero jornalístico que se caracteriza por sua estruturação dialogal, com perguntas e respostas, precedidas por um texto explicativo de abertura. O discurso que predomina nesse gênero é o interativo, com seqüências dialogais e expositivas. Faria e Zanchetta (2002, p. 57) argumentam que a entrevista é um gênero passível de ser utilizado de maneira enriquecedora na atividade escolar. Ela pode auxiliar no desenvolvimento do estímulo ao contato formal entre as pessoas.

Com relação à charge, Baltar (2004, p. 132) a considera como um gênero que apresenta características de humor, mostrando irreverência e uma certa dose de moralidade. Podemos entender então que charge é uma representação de caráter caricatural em que se satiriza um fato específico, em especial político, e que é do conhecimento público. Para Baltar (2004), esse gênero está sempre associado à linha editorial do jornal e é sempre assinado. Faria e Zanchetta (2002, p. 128) consideram que o gênero charge é um “cartum de crítica a um acontecimento, geralmente de natureza política”. De acordo com o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), cartum é definido como “desenho caricatural que apresenta uma situação humorística, utilizando, ou não, legendas”. Para os autores citados, a mensagem contida nesse gênero é altamente interpretativa e crítica.

A reportagem, por sua vez, na concepção de Baltar (2004, p. 132), é o gênero mais complexo e mais elaborado do jornalismo. Esse gênero envolve coleta minuciosa de dados, entrevistas, consultas a outras mídias, como rádio, televisão e internet. Segundo Faria e Zanchetta (2002, p. 48), a reportagem observa as raízes e desdobramentos do fato. Necessita de muito tempo para investigação. A reportagem pode ser entendida como uma atividade jornalística que, geralmente, compreende a cobertura de um acontecimento, pretendendo estimular debates sobre ele. Pode ser narrativa e descritiva.

O gênero notícia, conforme Baltar (2004, p. 133), é o básico do jornalismo, no qual se relata um fato do cotidiano considerado relevante, mas sem opinião. É um gênero informativo, em que o repórter não se posiciona, pois o que vale é o fato. Para Faria e Zanchetta (2002), a notícia tem a pretensão de informar, pontualmente, sobre um fato. A notícia é um texto marcado pela objetividade que hierarquiza informações, destacando aspectos principais de um fato. Pode-se perceber que os autores citados vêem a notícia com a intenção de oferecer muita informação para que o leitor possa tomar ou não uma posição sobre determinado assunto.

Por fim, a crônica, segundo Baltar (2004, p. 131), é o gênero “opinativo produzido de forma livre e autoral, e que tem como temas fatos ou idéias do cotidiano, sem a determinação de tempo e espaço rígidos da notícia e da reportagem”. Faria e Zanchetta (2002) afirmam que a crônica é um gênero muito conhecido por professores e alunos, pois está constantemente presente nos livros didáticos das escolas. Nos jornais, o cronista aborda acontecimentos do cotidiano. Os referidos autores também consideram que a crônica tem um estilo livre e pessoal e que apresenta estrutura literária. Tanto Baltar (2004) quanto Faria e Zanchetta (2002) apontam como características básicas da crônica a abordagem de temas do cotidiano, além da forma livre e pessoal.

Numa sala de aula, o trabalho de um professor, freqüentemente, serve para definir gêneros e atividades e, fazendo isso, cria oportunidades e expectativas de aprendizagem. O estudo do domínio discursivo jornalístico é fundamental, pois os alunos precisam saber os conceitos de cada gênero jornalístico para serem capazes de produzir seu próprio jornal.

## **METODOLOGIA**

Neste trabalho foram enfocados gêneros textuais escritos, que ocorrem no ambiente discursivo jornalístico escrito, a fim de coletar subsídios teóricos para embasar a produção de um jornal de sala de aula. Essa produção foi realizada numa escola estadual da cidade de Santa Maria: Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, com trinta alunos da sétima série. No total, foram cinco encontros com os alunos durante as aulas da professora Marlete Andrade, titular da turma 75.

Para este trabalho, foram selecionados pela coordenadora do jornal (autora do artigo) e pela professora titular da turma os seguintes gêneros textuais do ambiente discursivo jornalístico, oriundos da instituição social mídia impressa: reportagem, editorial, entrevista, notícia, charge, crônica e artigo de opinião. Em sala de aula, esses gêneros foram tratados como uma situação de escrita nova a partir de modelos já existentes, mas com características particulares, de acordo com a capacidade de seus agentes e do ambiente em que estão inseridos.

Para a execução do trabalho, foram seguidas as seguintes etapas:

- a) estudo do referencial teórico;
- b) conhecimento do contexto dos alunos;
- c) reflexão sobre quais seções estariam presentes no jornal e comparações das seções de dois jornais que circulam em nossa cidade: *A Razão* e *Diário de Santa Maria*: quais suas seções, quantas páginas possuem? há fotos? No decorrer do trabalho, foi realizado um sorteio das seções entre os alunos. Essas puderam ser escritas através dos gêneros textuais: artigo, crônica, entrevista, editorial, reportagem, charge, notícia;
- d) escolha do nome para o jornal. Houve uma votação para isso e o nome escolhido foi “*Diário Bilaquiano*”;
- e) visita ao jornal *A Razão*, durante a realização do trabalho pelos alunos, com a coordenadora do jornal e com a professora titular. Por meio dessa visita, os alunos conheceram a rotina da redação de um jornal. Isso os estimulou a continuarem o trabalho;
- f) os alunos escreveram seus textos e esses foram revisados pela coordenadora e reescritos por eles;
- g) os textos foram entregues digitados em formato *word*, em disquetes, para a coordenadora do jornal;

h) a diagramação do jornal e seu fechamento foram feitos pela coordenadora e por um redator do jornal A Razão, que colaborou na realização do trabalho;

i) o lançamento do jornal “Diário Bilaquiano” foi feito na entrada da escola Olavo Bilac, com a presença da coordenadora do projeto, da direção e professores da escola, dos alunos, familiares e de um repórter do jornal A Razão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na realização do trabalho foram muito positivos, pois os alunos se empenharam na produção de textos para o jornal que foi lançado na escola para professores, alunos, familiares e que teve a presença do jornal A Razão que registrou o evento.

Antes de iniciarem a produção dos textos, os alunos tiveram explicações a respeito de cada gênero pertencente à mídia impressa. Para isso, foram utilizadas lâminas e foi entregue material xerográfico com a teoria e com modelos de cada gênero (notícia, reportagem, editorial, artigo de opinião, crônica, charge e entrevista).

O primeiro gênero era a notícia. Para isso, foram utilizadas as definições dadas a esse gênero por Baltar (2004) e Faria e Zanchetta (2002). Os autores citados vêem a notícia como um gênero cujo autor tem a intenção de oferecer muita informação para que o leitor possa tomar ou não uma posição sobre determinado fato. A notícia é o relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade. Em outras palavras, podemos entender notícia como sendo um resumo de um fato ocorrido que responde às perguntas: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Esse gênero não é assinado. O exemplo de notícia apresentado aos alunos foi extraído do jornal A Razão, publicado nos dias primeiro e dois de outubro de 2005 e tem como título “Dores tem torneio para crianças”. Após essa explicação, os alunos que sortearam esse gênero, começaram a produzir os seus textos. O grupo produziu as notícias com os seguintes títulos: “Refresco para a seca”; “Corredor de biodiversidade”; “Banco gaúcho de empregos”; “Show do grupo Boka Loka em Santa Maria”; “Abstenção foi maior que na eleição de 2002”; Nova Profissão: gueimistas”.

A diversidade dos temas enfocados, no gênero notícia, forneceu-nos a medida do entendimento que tiveram os alunos ao escolher assuntos de várias áreas de interesse das diversas camadas de pessoas da comunidade, como, os efeitos da seca que assolou o Estado (economia), shows musicais

(atividades de lazer), oferta de empregos (problema social), eleições (cidadania), tudo dentro do que se espera de quem tem a intenção de informar fatos ocorridos.

A reportagem foi outro gênero explicado aos alunos. Para isso, também foram utilizados os conceitos atribuídos por Baltar (2004) e Faria e Zanchetta (2002). Após as explicações os alunos da sétima série, encarregados de produzir reportagens, estavam aptos para isso. Escreveram sobre os bailes *funks* e colocaram como título: “Baile *funk*: polêmica ou diversão?”. Os alunos detalharam um fato ocorrido na cidade de Santa Maria, apontaram conseqüências e ponto de vista de um jovem, atendendo às expectativas do leitor.

Também foi explicado aos alunos o gênero editorial, considerado a opinião da instituição sobre um acontecimento. O modelo desse gênero apresentado à turma foi “Reflorestamento e desenvolvimento”, opinião do jornal A Razão sobre esse tema, publicado nos dias 01 e 02/10/2005. Os alunos não concluíram o texto antes do lançamento do jornal. Assim, o jornal *Diário Bilaquiano* não apresentou seu editorial.

O artigo de opinião foi mais um gênero exposto aos alunos, conforme as definições apresentadas por Baltar (2004) e Faria e Zanchetta (2002). Para eles, o artigo traz a interpretação ou opinião do autor e é sempre assinado. “Solidariedade e Paz”, de Hélio Adelar Rubert, Bispo Diocesano de Santa Maria; “O Brasil no ranking dos países mais desenvolvidos”, de Cirilo Costa Beber, professor e economista, foram os artigos extraídos do jornal A Razão dos dias 01 e 02/10/2005 e apresentados aos alunos para que conhecessem o que era esse gênero e terem subsídios para produzirem seus artigos. O grupo encarregado do artigo de opinião escreveu os seguintes: “O governo Lula”, e “Os jogos no desenvolvimento dos jovens”. Os alunos usaram a criatividade e realizaram um bom trabalho.

Para explicar a crônica, foram apresentadas as definições dadas pelos autores Baltar (2004) e Faria e Zanchetta (2002). O aluno A escreveu sobre o cinema brasileiro, mais precisamente sobre o filme “Dois Filhos de Francisco”. O autor dessa crônica foi criativo, utilizou estilo livre e pessoal, de acordo com o que se esperava.

Quando foi explicado o que era charge, a maioria dos alunos tinha conhecimento do que estava sendo dito. Foram utilizados os conceitos dos autores Baltar (2004) e Faria e Zanchetta (2002) e um exemplo extraído do jornal A Razão dos dias 01 e 02 de outubro de 2005, que serviram para os alunos produzirem suas próprias charges. O aluno B produziu uma charge sobre o governo Lula. O resultado foi o esperado, pois o autor apresentou uma cena bem humorada, satirizando um fato político de conhecimento público. O aluno revelou-se, também, um ótimo desenhista.

A entrevista foi o último gênero jornalístico explicado aos alunos da turma 75. Para isso, também foram utilizadas as definições de Baltar (2004) e Faria e Zanchetta (2002). A partir das explicações dadas, as alunas estavam aptas a realizarem uma entrevista. Então, entrevistaram a professora Tânia Maria, pois queriam informações a respeito da internet. O título dado ao texto foi “Internet, um bicho de sete cabeças”. A entrevista elaborada pelas alunas foi pequena, mas as perguntas foram bem formuladas, atendendo às expectativas.

Além desses gêneros, os alunos buscaram mais elementos que compõem um jornal, como classificados, curiosidades e horóscopo. Isso mostra o quanto os alunos estavam com vontade de realizar um trabalho bem completo e satisfatório.

Os textos produzidos foram a respeito de fatos que ocorrem na cidade de Santa Maria, no país e no mundo. Foi um trabalho muito bom, apesar de poucos encontros, pois os alunos praticaram a leitura, a produção e tiveram contato com outros gêneros textuais.

## CONCLUSÃO

O trabalho com o jornal da sala de aula foi realizado no Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, na sétima série, turma 75. Essa escola é pública e, com 103 anos, possui classes de Educação Especial, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio – Curso Normal e Educação de Jovens e Adultos. O IEEOB é um importante estabelecimento de ensino, por cujos bancos já passaram personalidades ilustres.

Ingressei na escola, em setembro de 2005, com o objetivo de realizar o jornal da sala de aula. Primeiramente, expus a pesquisa que estava realizando aos alunos. Percebi muito interesse da turma para a realização do trabalho. Os alunos ficaram empolgados e fizeram muitas perguntas a respeito.

Perguntei-lhes sobre suas preferências de leitura ( se liam jornal, sobre o que pensavam escrever uma seção de jornal). A maioria deles respondeu que lia pouco, porém, afirmaram que gostariam muito de criar um jornal. Expliquei para os alunos cada gênero jornalístico, mostrando exemplos retirados de jornais da cidade de Santa Maria (A Razão e Diário de Santa Maria). Durante a realização do trabalho, foi feita uma visita ao jornal A Razão. Nessa visita, os alunos conheceram a rotina da redação de um jornal. Isso os estimulou a realizarem o trabalho proposto.

Produzir seu próprio jornal escolar foi uma experiência das mais recompensadoras, tanto para alunos quanto para a coordenadora e para a professora da turma. Os alunos se empenharam muito com a criação do “Diário Bilaquiano”. Essa criação foi um ótimo desafio aos alunos, pois,

após entenderem como funcionava cada gênero jornalístico, publicaram as suas próprias matérias.

Constatamos como resultado que a produção de um jornal é uma proposta muito importante a ser utilizada em sala de aula, pois os alunos trabalharam com diferentes gêneros textuais, desenvolveram o hábito de leitura, tornaram-se mais críticos, adquiriram mais conhecimentos a respeito do que acontece no mundo e escreveram seus textos com muita dedicação. Todos os alunos queriam ver logo o resultado de todo um trabalho que valeu a pena ser realizado. Podemos afirmar então que a produção de um jornal pode se constituir em um motivador para o trabalho com textos.

Este trabalho foi um projeto piloto que enfocou aspectos contextuais dos gêneros jornalísticos, mas que, em trabalho futuro, poderá focar também aspectos de estrutura e linguagem, ou seja, elementos lexicogramaticais típicos em cada gênero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BALTAR, M. **Competência discursiva e gêneros textuais**. Caxias do Sul: ABDR, 2004.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA Jr, Juvenal. **O jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GHILARD, M. I. A informatividade no discurso jornalístico. **Revista Letras**. Campinas: PUCCAMP, n.13, 1994.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros textuais e práticas discursivas**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.